

02-05-2023

A MORTE VESTE VERDE

John Carlos Alves Ribeiro

[Professor. Instituto Federal de Goiás. Membro do Dona Alzira]

Se "o Diabo veste Prada"¹, em Goiás a morte veste verde, e em tempos de bolsonarismo, por vezes, verde e amarelo. A morte presente em espaços altamente transformados, vazios de gentes, de vidas diversas, constituído por paisagens fruto de uma racionalidade cruel, que irracionalmente destrói a natureza e transforma vidas humanas. O estado do agronegócio (ou em um deles), capitaneado por um coronel da oligarquia agrária com seus poderosos laços familiares, é repleto de personagens fortes do bolsonarismo, terra da soja, do milho, do sorgo, da cana e da monotonia do verde sem fim. É terra das monoculturas capital-intensivas, altamente mecanizadas, tecnificadas, que em razão disso dispensa o elemento humano e 'simplifica' os demais elementos vivos. Isso se não bastasse o veneno que corre solto (liberado, aspergido, pulverizado) pelo ar, água e solo, intoxicando alimentos, afetando vidas, causando doenças entre os trabalhadores que restam e os consumidores a jusante. E se, ainda, não bastasse esse cenário já tão sombrio, de potencialização da morte, o deserto verde retira vidas também ao eliminar os habitats de diversas espécies de insetos, aves, mamíferos, peixes, vegetação de tipos variados. A morte que veste verde, mata o verde que nasce e se desenvolve naturalmente, eliminando ecossistemas inteiros. Nas estradas goianas, pelas quais trafeguei por anos, nas idas e vindas de estudos e trabalho, há sempre muita morte. Seja por acidentes causados por imprudência ou por estradas maltratadas pelo tempo e mal cuidadas pelo Estado, que repassa tal responsabilidade à iniciativa privada, ela - a morte - está sempre por lá. Há também muita morte de animais silvestres que têm seus habitats recortados por estradas e sistemas produtivos do agronegócio.

Cercados por desertos verdes, esses animais lutam por sobrevivência, mas muitos encontram a morte ao tentarem superar o obstáculo em busca do alimento/vida do outro lado da rodovia. De um deserto a outro, com estradas no meio do caminho, muitos não conseguem seguir.

Mas hoje, após um mês trafegando semanalmente pela BR-060, por cerca de 300 km, indo e voltando de Jataí, percebi que há menos mortes de animais silvestres no trajeto. Por um segundo, no meu íntimo, comemorei essa aparente boa notícia. Todavia, a reflexão que me veio à mente ao olhar para todo aquele verde, paisagem monótona e sem vida, compreendi que nos desertos verdes as vidas foram eliminadas, ao menos grande parte dela. Em uma das quartas-feiras de viagem, me coloquei o desafio de observar atentamente os animais pelo caminho, especialmente os silvestres. Com exceção de quatro araras Canindé, dois Gaviões isolados e uma Ema solitária, pouco vi de vida ao longo do trajeto. Mesmo os que recorrentemente são acidentados nas pistas, os vi pouco.

Nas duas primeiras semanas de viagem um animal morto na margem, aparentemente um cachorro, portanto, não um tipo Silvestre.

Nas demais semanas, mais um, que não consegui identificar ao certo. Meu olhar a 100 por hora mirou, buscou até se frustrar. A ironia e a contradição de quem procura na morte ver algo que simbolize a vida.

A frustração de não encontrar nem animais mortos pelo caminho me levou do espanto a uma profunda tristeza. De Jataí à Goiânia, nos primeiros 100 km, nem animais vivos, nem mortos, pouca diversidade paisagística e de vida vegetal. Linhas e mais linhas tracejadas pela técnica e pela tecnologia que substituíram o trabalho/homem por máquinas, e a diversidade biológica por tons de verde, que não representam nem a vida, nem a esperança. Conforme nos afastamos do epicentro do modelo produtivo da morte verde, vemos um pouco mais de vidas diversificadas. Alguns poucos animais domésticos e silvestres surgiam, a paisagem carregada de mais vida, de culturas, trabalhos, sentidos. Surgem áreas também de criação animal, áreas com a presença de paisagens naturais que, pelo menos visualmente, aproximam-se mais de um Cerrado original - quase sempre o Cerradão de áreas mais íngremes e acidentadas, algo de mata de galeria, veredas isoladas e campo sujo invadido por gramíneas exóticas -. Contraditoriamente, mesmo rumando para a metrópole, onde o verde que simboliza a vida dá lugar ao cinza do asfalto, do concreto e da poluição, a vida se mostra mais presente que nos desertos verdes da atividade monocultora capital-intensiva. **A morte que veste verde, e por vezes verde e amarelo, parece ter tomado conta de toda aquela região - o Sudoeste Goiano. De tal maneira que nem os acidentes com animais silvestres à margem da rodovia ocorrem com alguma frequência. Talvez porque para haver morte, há que se ter vida. Em outras rodovias sempre observei esse rastro de dor. E ao ler "O que é ser Geógrafo", do Prof. Aziz Ab'Saber, o fazia tentando ver a complexidade que compõe a natureza que resta aqui presente e a complexidade das relações sociais e econômicas que a transformam pela mão do homem, como componente racional deste todo natural. Sempre tentando enxergar o que ainda existe e imaginar como deve ter sido belo e encantador o seu trabalho e de outros geógrafos que o antecederam. Imagino como seria observar a natureza a partir das paisagens em movimento num momento em que as rotas e os caminhos ainda eram preenchidos por vida diversa e abundante.**

Talvez isso tenha potencializado a dor que senti ao perceber o rastro silencioso e cruel deixado pelo verde da atuação do grande capital por meio do agronegócio. Enquanto isso nos caminhos de frotas bolsonaristas e nas *pick-ups* dos personagens dessa história macabra, bandeiras tremulam e *plotters* estampam os para-brisas, sempre com a presença marcante do verde. Do verde e amarelo.

■ ■ ■

Nota: 1. *O Diabo veste Prada* - filme de David Frankel (2006) baseado no livro de mesmo nome de Lauren Weisberger (2003).

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.

A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, a perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.